O REDESENHO COMO DOCUMENTAÇÃO: O CASO BANESTADO EM MARINGÁ

Heloisa Lança Guilherme, Tânia Nunes Galvão Verri (Orientador), e-mail: heloisalancag@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia / Maringá, PR.

Ciências Sociais Aplicadas / Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Arquitetura Bancária, Arquitetura Moderna, Rodolfo Doubek Filho

Resumo

Esta pesquisa analisa o edifício da agência do Banestado, Banco do Estado do Paraná, projetado pelo arquiteto curitibano Rodolfo Doubek Filho, em 1980, para a cidade de Maringá-PR. Procura-se, com a investigação, analisar o edifício através de sua dissecção, da consideração de seu contexto histórico, dos registros gráficos do projeto e do redesenho. Para que a pesquisa fosse viabilizada, fez-se a coleta do projeto legal, fornecido digitalmente pela Prefeitura Municipal de Maringá, além de pesquisa bibliográfica, visitas técnicas à agência bancária, a qual se encontra em bom estado de preservação, com poucas alterações do projeto original, consideradas reformas de manutenção. Os objetivos que se pretenderam atingir foram o de investigar e registrar um exemplar da Arquitetura Bancária comprometida com o rigoroso processo de produção arquitetônica no país à época, sistematizar uma produção de qualidade arquitetônica em Maringá, uma cidade de setenta anos, procurar desenvolver na cidade uma cultura preservacionista, dar visibilidade às qualidades projetual e espacial que a edificação possui, além de disponibilizar um rico material de consulta aos acadêmicos da área, subsidiando as disciplinas de projeto para os cursos de graduação e pós-graduação.

Introdução

Essa investigação é parte constituinte de uma pesquisa acadêmica intitulada “Arquitetura Bancária de Maringá” (2016), que tem como objetivo análises de obras arquitetônicas que abrigam agências bancárias na cidade, desde a data de sua emancipação na década de 1950 aos anos de 1990, época em que Maringá, conforme episódios verificados em outras cidades do interior do Brasil, recebeu significativos investimentos econômicos na divulgação e construção dessas empresas bancárias.

O desenvolvimento da região esteve diretamente relacionado com a produção agrícola e imobiliária, que em Maringá teve no traçado existente da linha férrea um desencadeador do desenho urbanístico. A partir dela, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, CMNP, solicitou ao engenheiro paulista Jorge de Macedo Vieira a elaboração do projeto da cidade. Vieira aplicou o conceito de Cidade Jardim, com um eixo perpendicular à ferrovia em sua porção central e na cota mais alta do território, como pontos de partida. Essa demarcação configurou o centro da cidade,

composto por vias estruturais, como as avenidas Getúlio Vargas, Brasil, Duque de Caxias e a rua Santos Dumont, estabelecendo nessa centralidade locais de comércios, de prestação de serviços e institucionais bastante fortalecidos, local que viria abrigar a concentração das agências bancárias maringaenses.
Na década de 1960, houve um significativo momento em que as instituições bancárias públicas, estaduais e federais, e também as privadas ganham destaque no sistema financeiro, pois estiveram imbuídas de ampliar seus serviços, gerando a necessidade do aumento do número de agências bancárias e sua distribuição pelo interior do país. As redes bancárias, portanto, pulverizaram-se pelo Brasil em busca de estabelecer território (PETROLI, 2014). Para essa dispersão possuíam sua própria divisão de projetos, como é o caso da Itauplan, vinculada ao Banco Itaú (VIEIRA, 2003), ou, recorriam à escritórios privados e experientes de arquitetura para o desenvolvimento dos projetos e execução das agências, como é o caso do Banestado em Maringá, 1980, de autoria do arquiteto e urbanista curitibano Rodolfo Doubek Filho.

Materiais e métodos

Para que os objetivos fossem atingidos, desenvolveu-se uma coleta de dados nas pranchas digitalizadas do projeto legal fornecidas pelo cadastro da Prefeitura Municipal de Maringá (PMM), fez-se visitas técnicas, registro fotográfico, entrevista com o arquiteto autor, redesenho bidimensional em software AutoCAD, confecção do modelo virtual tridimensional em software Sketchup e construção do modelo físico tridimensional.

Resultados e Discussão

A agência aqui estudada está contida no quadrilátero central da cidade, assim como as demais edificações da chamada Arquitetura Bancária. O edifício, fruto de um concurso privado de projetos, é implantado entre a Av. Brasil e a Rua Santos Dumont, em um conjunto de três lotes considerados planos, cada um com dimensões de 13m x 40m (medidas padrão para os terrenos desenhados no plano original no centro da cidade), somando 1.560m². A conformação desalinhada dos lotes setoriza o edifício em dois blocos, que são estruturalmente separados pela junta de dilatação, sendo o primeiro voltado à fachada norte, com acesso pela Av. Brasil, e o segundo, orientado para fachada sul, na Rua Santos Dumont.
O projeto arquitetônico da agência foi desenvolvido sob rígida modulação baseada em uma malha estrutural de 2,5m x 2,5m, sendo que no subsolo, os vãos são de 7,5m para a viabilidade das vagas de estacionamento. Essa malha direcionou a locação dos pilares, resultando em espaços nos pavimentos térreo e superior com vãos de 12,5m.
Dentro desse método, o arquiteto fez uso de muitos outros elementos que complementaram e reforçaram o partido: o espaço contém a reprodução da modulação estrutural na paginação do piso de granito e nas esquadrias de fechamento da fachada e nos revestimentos das paredes, posicionados no espaçamento de 1,25m, subdividindo o módulo em duas partes. Os dutos de ar condicionados aparentes se desenvolvem sob as lajes e vigas de concreto

aparentes acompanhando a modulação, assim como sua integração com o projeto de iluminação artificial compatibilizado com as grelhas de ar. Tamanho o rigor desse partido de projeto, que até a especificação dos capachos foi enquadrada nessa medida.

O edifício foi construído com sistema estrutural de concreto armado aparente moldado in loco, tendo rigor no detalhamento das formas e, posteriormente, habilidosa mão de obra de carpintaria na execução, possuindo nas ligações das vigas com as lajes um pequeno sulco de soltura, de 2cm x 2cm entre os elementos. As demais matérias envolvidas no edifício são pedras naturais, granito no piso e mármore travertino nos planos verticais de destaque, e as fachadas em pele de vidro temperado fumê, com aplicação de películas para minimizar a incidência solar.

Os acessos ao edifício se dão tanto pela Av. Brasil quanto pela Rua Santos Dumont, ambos elevados 90 cm com relação ao passeio público. A solução espacial da planta cria uma passagem de um lado ao outro da quadra, decisão de projeto que, segundo Doubek Filho (2018), foi uma das condicionantes do partido arquitetônico, assim como a modulação. O acesso principal a norte possui pé direito duplo, configurando um saguão de recepção ao público que é seguido por um mezanino que delimita as atividades bancárias, solução que propõe uma transição do espaço público ao privado. O acesso ao sul é secundário, orientado à via de menor tráfego e aos automóveis, ocupando um único lote, porém o espaço interno também é de pé direito duplo, conduzindo o público à praça de atendimento.

Nos anos 1970, o Banestado, colocou a construção da agência Maringá como uma “superagência pioneira”, pelo porte da cidade e por abrigar a superintendência regional. De acordo com uma organização espacial convencional para as agências bancárias à época, o pavimento térreo concentrava o atendimento ao público de clientes pessoas físicas, o mezanino atendia as atividades de apoio, contendo a cantina, almoxarifados e sanitários, e o primeiro pavimento atendia às funções da agência regional, ou seja, clientes pessoas jurídicas e gerências, permitindo o acesso à cobertura verde acima do acesso sul.

A solução programática concentrou as peças sanitárias, as cantinas, os espaços destinados às instalações, como os dutos de ar condicionados, e os depósitos, conformando um volume na divisa leste, o que imprimiu legibilidade à planta, e como consequência, ao fluxo de público e de funcionários. Assim, as circulações verticais se dividiram em dois locais conforme seu uso: uma destinada ao público, logo no volume frontal da Av. Brasil, outra, contínua ao bloco de serviços, voltada aos funcionários.

A agência do Banestado é iluminada naturalmente através de claraboias de vidro piramidais, elementos que Doubek Filho (2018) relatou serem outro item relevante na concepção projetual. Para que a luz chegasse ao térreo, ambos pavimentos, o mezanino e o pavimento superior, estão afastados da divisa.

Conclusões

O redesenho foi ferramenta fundamental para essa aproximação ao edifício, pois como afirma Ramos (2016), “os desenhos são a essência da arquitetura como disciplina artística que persegue a finalidade prática”. Com base no método do

redesenho, foi possível desenvolver um documento que expressa a estratégia de projetar do arquiteto autor, pois

> [...] quando redesenhamos com a finalidade de entender o processo de projeto que levou um determinado arquiteto à definição de uma forma (final) mediante o mesmo instrumento com que ele definiu o projetado (desenho), pretendemos identificar os procedimentos do processo de projeto que foram usados com essa finalidade. (RAMOS, 2016)

Assim, a pesquisa se desenvolveu como parte da produção de um inventário, onde foi possível captar as tomadas de decisão do autor e representar a obra de modo documental, na intenção de colaborar com a construção da historiografia arquitetônica da cidade, dando visibilidade a um edifício de qualidade e auxiliando na construção de uma cultura preservacionista, além de garantir acesso à informação do patrimônio.

Agradecimentos

Agradeço a Tânia Nunes Galvão Verrei, Eduardo Verri Lopes e Vinícius Alves de Araújo, pela orientação e apoio, a Universidade Estadual de Maringá e ao CNPq pela oportunidade.

Referências

DOUBEK FILHO, Rodolfo. **Rodolfo Doubek Filho:** depoimento [ago. 2018]. Entrevista concedida a Heloisa Lança Guilherme. Curitiba, 2018.

PETROLI, Marcos Amado. **Arquitetura Bancária Gaúcha nos Anos 70: A influência brutalista.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em arquitetura da UFRGS, Porto Alegtre, 2014.

RAMOS, Fernando Guillermo Vázquez. **Redesenho. Conceitos gerais para compreender uma prática de pesquisa histórica em arquitetura.** Arquitextos, São Paulo, ano 17, n. 195.09, Vitruvius, ago. 2016 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6181>.

VERRI, Tânia Nunes Galvão; VERRI JUNIOR, A.; ARAUJO, V. A. **O Edifício do BANESPA em Maringá**. In: 12 DOCOMOMO Brasil, 2017, Uberlândia. Patrimônio Cultural Brasileiro: difusão, preservação e sociedade. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2017. v. 01. p. 01-18.

VIEIRA, J. L. **Arquitetura Bancária e Imagem Corporativa no Brasil: O caso da Itauplan (1973 – 2000)**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2003.